

Editorial

A VOZ DA OPOSIÇÃO

Se a eleição fosse hoje, a presidente Dilma Rousseff ganharia de seus competidores já no primeiro turno. Segundo pesquisa divulgada no último domingo, ela tem 51% das intenções de voto do eleitor médio brasileiro – um sujeito entre 25 e 34 anos, escolaridade média e renda de até dois salários mínimos.

O mais interessante é que 2/3 do eleitorado diz que quer mudanças, mas, como estas não lhe são apresentadas pelos prováveis candidatos, prefere ficar com o que já conhece. O eleitor é interesseiro e, sem constrangimento, manifesta a intenção de continuar com o candidato que lhe oferece mais vantagens.

Esse é o desafio que confronta os outros candidatos declarados ou supostos. Sem os trunfos da presidente, que é governo e tem o condão de distribuir bondades permanentes e eventuais, os outros candidatos teriam de ter um discurso que pudesse capturar o eleitor, fazendo-o se engajar na oposição.

Com suas políticas de renda, o governo petista conquistou parcela expressiva do eleitorado, abrindo-lhe a perspectiva de almejar mais ainda. Esse é o capital político da presidente. Dou tro lado, outra parte do eleitorado tomou consciência das graves deficiências do Estado que o governo não eliminou.

Todas essas pessoas querem mudanças. Quem será capaz de lhes alimentar a esperança? A oposição precisará ser sábia, primeiro levando a disputa para um segundo turno, em seguida para um debate que realmente interesse à nação, como já vivemos anteriormente, mas que há uma década está sufocado.

Apesar de gerar uma excepcional massa crítica, produzida sobretudo pela imprensa escrita, o governo Dilma não teve ainda quem a vocalizasse, principalmente para o grande público. Este permanece à margem do debate dos grandes temas, impermeáveis ao seu entendimento, como se ele vivesse num outro mundo.

O Brasil não irá a lugar nenhum se não encontrar essa voz.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR	Vittorio Mediolì
PRESIDENTE	Laura Mediolì
VICE-PRESIDENTE	Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO	Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO	Marcos de Oliveira e Souza
GERENTE COMERCIAL	Fabiano Guerra
GERENTE DE TECNOLOGIA	Fábio A. Santos
GERENTE INDUSTRIAL	Guilherme Reis
GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO	Walmir Prado
GERENTE DE MARKETING	Alessandra Soares
GERENTE DE CIRCULAÇÃO	Isabel Santos
GERENTE DE ASSINATURAS	Maria Beatriz Braga Rocha
EDITORIA EXECUTIVA	Lúcia Castro
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO	Michele Borges da Costa
ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO	Murilo Rocha
CHEFE DE REPORTAGEM	Renata Nunes
EDITORES	Opinião: Victor de Almeida Economia: Karlon Aredes Política: Carla Kreefft Magazine: Silvana Mascagna Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla Esportes: Denner Taylor Cidades: Marina Schettini Primeira: Frederico Duboc Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

As cervejas transgênicas e as incertezas da ciência

É a bebida alcoólica mais consumida, a terceira mais popular

Um alerta o artigo “Cerveja: o transgênico que você bebe”, de Flávio Siqueira Júnior e Ana Paula Bartoletto. Está lá que Ambev, Antarctica, Bohemia, Brahma, Itaipava, Kaiser e Skol trocam a cevada pelo milho, acarretando ingestão inconsciente de OGMs (Organismos Geneticamente Modificados). São cervejas sem padrão de pureza “como as da Baviera, mas estão de acordo com a legislação brasileira, que permite a substituição de até 45% do malte de cevada por outra fonte de carboidratos mais barata” (“Carta Capital”, 1.3.2014). É, não são ilegais, são inseguras, logo, imorais!

Cerveja é a bebida alcoólica mais consumida no mundo e a terceira bebida mais popular, depois da água e do chá. OGM é qualquer ser vivo criado por manipulação genética do que se convencionou denominar de engenharia genética. Todo transgênico é um OGM, mas nem todo OGM é transgênico! A transgenia, técnica singular de engenharia genética que rompe as fronteiras entre as espécies, é germinativa: o novo padrão genético é hereditário. Um transgênico é para sempre: uma vez transgênico, transgênico até morrer.

O sabor das cervejas nossas de cada dia, dia após dia, mudou. Fomos acostumados com cerveja feita com água, malte de cevada e lúpulo. “A fonte de amido é um fator determinante no sabor da cerveja”. Entendeu o gosto de água choca hoje em dia das cervejas no Brasil, o adeus ao gostinho amargo de antigamente? É o pouco malte de cevada! Cerveja que substitui malte de cevada pelo milho, ou outro cereal, é engana-

ção? Não, porque “outros grãos maltados e não maltados (milho, arroz, trigo, aveia, centeio e sorgo) podem ser usados”, mas quem consome tem o direito de saber.

Questão de gosto não se discute, mas imposição, sim! Ao adotar um amido para o fabrico da cerveja é preciso considerar a biossegurança dele! O Brasil usa milho transgênico! Oh, Ninkasi, deusa da cerveja, aprecio degustar cerveja e quero o meu corpo livre de transgênicos, então não beberei cerveja turbinada!

Tenho uma longa história com os

Ao adotar um amido para o fabrico da cerveja é preciso considerar a biossegurança dele! O Brasil usa milho transgênico!

transgênicos, publicada em muitos artigos e em meu livro “Transgênicos: o direito de saber e a liberdade de escolher” (Mazza Edições, 2001), ainda atual, porque as indagações feitas nele continuam sem respostas! Como Guimarães Rosa, concordo que “na vida, o que aprendemos mesmo é a sempre fazer maiores perguntas”; então, prossigo perguntado.

Em “Afiml, qual é mesmo o ‘suave veneno’ dos transgênicos?”, eu disse: “A transgenicidade, como qualquer outra biotecnologia “bioengenheirada”, elimina as fronteiras entre as espécies ao possibilitar que qualquer ser vivo adquira novas características ou de vegetais ou

de animais ou humanas. Feito de tal monta provocará alterações na vida biológica, social, política e econômica, já que é fato incontestado que as biotecnologias “bioengenheiradas” portam um enorme potencial de desequilíbrio de micro e macroecossistemas”.

Em “Controle social para os transgênicos” (“Observatório da Imprensa”, 15.6.2004), escrevi: “A instabilidade do genoma; as proteínas inconstantes e as áreas de regulação e desativação de genes presentes no DNA lixo são três descobertas recentes que evidenciam que o paradigma sobre o qual a engenharia genética foi construída caiu por terra, o que exige mudança radical de postura no manejo da transgenia, indicando necessidade absoluta de controle social para os transgênicos, pois legar às gerações futuras um amanhã ecologicamente saudável é o mínimo que se espera como demonstração de consciência ecológica”.

